

EÇA DE QUEIRÓS NA SEÇÃO “ENTREVISTA” NO *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, DE LISBOA

EÇA DE QUEIRÓS IN THE SECTION “ENTREVISTA” (INTERVIEWS) OF
THE JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS, LISBON

Cristiane Navarrete Tolomei

Universidade Federal do Maranhão

INTRODUÇÃO

O escritor realista Eça de Queirós é uma figura que ocupa há muito tempo e de forma ininterrupta o centro da vida cultural lusitana e brasileira. Desde que surgiu ainda jovem na *Gazeta de Portugal* e na *Revolução de Setembro*, em 1866, a escrita queirosiana passou a ser comentada de forma instigante e curiosa como é possível notar em uma das primeiras críticas realizadas ao autor pelo fundador da *Gazeta*, Teixeira de Vasconcelos: “Tem talento este rapaz, é pena ser completamente doido, ter estudado em Coimbra, meter nos seus contos, sempre, dois cadáveres amando-se num banco do Rocio, e escrever em francês!”

Os primeiros escritos de Eça causaram alvoroço em diversos periódicos na sua época tanto pelo fato de ele cultivar uma linguagem inovadora quanto por mesclar características de Hugo, Baudelaire e Heine. Quem destacou essa repercussão negativa do público intelectual às inovações de Eça das últimas décadas do século XIX foi o queirosiano Clóvis Ramallete (1942):

Lançando-se como folhetinista, pelas colunas famosas da *Gazeta de Portugal*, Eça levantou sobre si uma onda de riso. Escrevia numa linguagem

nova, afrancesada, tumultuosa. Seus folhetins hoffmaneanos criavam mundos de fantasia demente, de quimera delirante. Neles vogavam germanismos tomados de empréstimo a Heine, envoltos em véus brancos e fofos de abstração – druidas, Margarida e Fausto, cerveja de Heidelberg, baladas da Turíngia e o abade de Tritheim “vendendo a alma pelo segredo da circulação do sangue”. Foi um coro de risadas! Ele, porém, seguiu indiferente, com uma convicção imperturbada e invejável (RAMALHETE, 1960, p. 46-47).

Já no início do século XX, embora marcado pelo Modernismo com o lema “morte ao passadismo”, tanto em Portugal como no Brasil, Eça foi a grande imagem da vida literária e cultural, sendo foco de fervorosos debates, conflitos e elogios em diferentes periódicos daquele momento. Segundo Ramalhete, o autor português se revelava na presença invisível a imagem mais presente do que nunca à crítica e ao público leitor.

A verdade é que o público leitor dispensa teorias de correntes estéticas para achar Topsius engraçado ou Pacheco uma boa descoberta. Eça de Queirós continuou das vitrinas para as mãos de todos os tratamentos. Caminhou ao encontro das mais diversas compreensões. E lá seguiu, ainda satisfazendo e fazendo rir, ou pelo trecho picante de *O Primo Basílio* que fez Oliveira Martins corar, ou pelo impagável Dâmaso assinando a retratação com João da Ega, ou pela forte beleza da vida de S. Cristóvão (RAMALHETE, 1960, p. 26).

A partir desse momento, de maneira ostensiva, Eça passou a ocupar lugar de destaque nos diferentes periódicos e seu nome é pronunciado no cenário popular e intelectual não só em Portugal, mas no mundo todo, sobretudo no Brasil, até hoje.

No Brasil e em Portugal, ao longo do século XX, muitos estudos procuraram sistematizar o conjunto numeroso e diversificado de tex-

tos e intérpretes, os quais compõem uma das fortunas críticas mais extensas e variadas da literatura portuguesa, a do autor realista Eça de Queirós.

O primeiro repertório mais sério e sistemático de e sobre Eça é de 1922, de Albino Sampaio, intitulado *Eça de Queiroz, subsídios para a sua bibliografia*; em seguida, publicado no contexto comemorativo do centenário de nascimento do escritor, em 1945, Victor de Sá, em Portugal, publicou *Bibliografia Queirosiana*, a qual dá continuidade ao trabalho de Albino Sampaio no levantamento bibliográfico ativo de Eça; no mesmo ano, no Brasil, Antônio Simões dos Reis publicou *Eça de Queiroz no Brasil*, coletânea de publicações brasileiras sobre o autor português; e, também no Brasil, José Pedro Leite Cordeiro publicou *Eçaiana*, um levantamento cronológico dos textos de Eça acompanhado por resenhas críticas e/ou trechos de documentos biográficos sobre o autor. Destacamos a pesquisa de fôlego publicada no apêndice *Bibliografia Queirosiana Sistemática y Anotada e Iconografia Artística del Hombre y la Obra* (1975), de Ernesto Guerra da Cal, o qual levantou mais de 8000 itens – entre livros, capítulos de livros, artigos, resenhas, reportagens, notas, entrevistas – produzidos entre 1866 e 1975 de/sobre Eça, portanto, sendo considerada a maior e mais importante publicação acerca da bibliografia ativa e passiva do escritor português até o momento.

Há também algumas sínteses sobre a fortuna crítica queirosiana publicadas em Anais de Encontros e Congressos tais como o de Elza Miné denominado “A recepção de Eça de Queirós no Brasil” e de Rosane Gazolla Alves Feitosa intitulado “A recepção crítica de Eça de Queirós/Fradique Mendes no Pré-Modernismo Brasileiro: jornal paulistano *O Pirralho*”, partes de trabalhos acadêmicos como, por exemplo, dois de Alfredo Campos Matos intitulados “Uma doença chamada ‘Ecite’” e “A recepção crítica de Eça de Queiroz no seu tempo” e teses como a minha, denominada *Eça de Queirós e os brasi-*

leiros, de 2010, a qual resultou em livro intitulado *A recepção de Eça de Queirós no Brasil: Leituras do Século XX*, de 2014.

Além da sistematização da bibliografia ativa e passiva acerca de Eça de Queirós num contexto mais geral, há na atualidade, devido ao aumento de periódicos no mundo, especialmente, aqueles voltados à cultura, uma necessidade de compreender como se deu a recepção de movimentos literários e/ou respectivos autores nos meios de comunicação de massa. Para isso o jornal destaca-se por seu caráter dinâmico, diário e contínuo com diversos pontos de vista, distribuídos por seções variadas. Além disso, jornais e revistas ganharam *status* de documento histórico, uma vez que guardam informações verídicas a respeito da vida e da obra de artistas do mundo todo.

De forma mais específica, o periódico que trata da literatura é chamado de jornalismo cultural e, por lidar com um conteúdo de certa forma atemporal, a sua permanência é mais longa e sua atitude é mais analítica e não apenas informativa e descritiva como os demais segmentos do jornalismo. Revisitar o periodismo cultural é buscar em suas páginas conhecimentos biográficos, artísticos, bibliográficos e literários acerca dos escritores das mais diferentes nacionalidades, épocas e estilos, portanto, há de ressaltar a importância da pesquisa em fontes primárias.

Diante de tais informações, apresentamos a seguir a recepção crítica de Eça de Queirós na seção “Entrevista” do periódico *Jornal de Letras, Artes e Ideias* _JL_, de Lisboa, de 1981 a 2011. Nos 30 anos percorridos encontramos 12 entrevistas a respeito da vida ou da obra de Eça de Queirós que passamos a esmiuçar.

1. EÇA DE QUEIRÓS É CENTRO DAS ENTREVISTAS NO JL

A entrevista só é um gênero jornalístico autônomo em uma “Seção” quando é apresentada isoladamente ou como parte importante de uma peça jornalística, como ocorre no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*,

no qual, muitas vezes, a temática geral das notícias e reportagens estão ligadas às entrevistas.

Como foi possível observar no *JL*, a entrevista corresponde à transposição das perguntas e respostas, enquanto técnica de obtenção de informações, para um determinado modelo de enunciação. Este modelo discursivo consiste na exposição das respostas dadas por um entrevistado às perguntas de um entrevistador. No caso do *JL*, os entrevistadores são especialistas a respeito da temática e da personalidade entrevistada, o que garante ao leitor qualidade dos questionamentos.

As entrevistas podem classificar-se de várias maneiras. Com base em Erbolato (1985), poderiam distinguir-se as seguintes: quanto à origem (entrevistas do cotidiano ou entrevistas de grande importância e destaque num jornal); quanto ao estilo (entrevistas pergunta-resposta e entrevistas em discurso indireto); quanto aos entrevistados (entrevistas individuais e entrevista de grupo); quanto aos entrevistadores (entrevista coletiva e entrevista pessoal ou exclusiva); quanto ao tipo (entrevista de personalidade, entrevista de declarações, entrevista mista e mesa-redonda); e, por fim, quanto à extensão (entrevista curta e grande entrevista).

As entrevistas analisadas do *JL* apresentaram a mesma estrutura base, com título, entrada e corpo da entrevista. No título, geralmente, referencia-se o entrevistado e revela-se a sua afirmação mais poderosa. Na entrada, apresenta-se o entrevistado e esclarecem-se as razões para a entrevista, podendo também destacar-se algumas das declarações mais importantes e com mais impacto que o entrevistado tenha proferido ao longo da entrevista. O corpo corresponde à entrevista propriamente dita e, como já afirmamos, com a estrutura em pergunta-resposta. Por vezes, a estrutura da entrevista varia, podendo existir antetítulos e/ou subtítulos ou podendo ser colocado

depois da entrada, mas antes do corpo da entrevista, um texto introdutório que funciona como uma espécie de *lead* da mesma.

A primeira entrevista foi publicada na edição de número 56, de 12 a 25 de abril de 1983. O jornalista Fernando António de Almeida entrevista o queirosiano Ernesto Guerra da Cal a respeito do seu livro *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz Bibliografía Queirociana*, publicado primeiro em espanhol em 1976 e posteriormente em português, em 1981.

Essa primeira entrevista sobre Eça de Queirós no *JL* não ocorreu como é habitual no periódico no estilo de pergunta-resposta, mas em discurso indireto, entrelaçando o corpo da entrevista com a notícia. Dessa forma, Fernando António de Almeida esboça a trajetória de vida de Guerra da Cal com informações técnicas a respeito de seu livro: “Guerra da Cal tem no prelo o volume dos índices da sua ‘Bibliografía Queirociana’, à qual acrescenta ainda mais dois mil verbetes a somar aos quatorze mil já publicados!” (ALMEIDA, JL, 1983, p. 15). O entrevistado, num tom emocionado, ressalta que seu interesse pela literatura portuguesa e, em especial, a obra queirosiana vem desde cedo, gerando um fascínio arrebatador.

O encontro com a literatura portuguesa, que vem quase desde a minha infância, foi um encontro com a minha própria personalidade [...] O olho de Eça está presente. Num medalhão da autoria de F.S Gouveia, datado de 1903 [...] um Eça morto, de monóculo apertado no olho direito. De qualquer modo Eça, vivo e morto, escutando este longo encontro (GUERRA DA CAL, JL, 1983, p. 15).

Guerra da Cal destaca que a imagem de Eça transgride as barreiras literárias, alcançando os âmbitos sociais e comportamentais. Além disso, comenta a idolatria das juventudes brasileira e portuguesa por Eça, imitando os seus padrões de cultura e modelos de elegância.

O entrevistador, Fernando António de Almeida, pergunta se além da *Bibliografia Queirociana* haveria projetos futuros e a resposta é a seguinte:

Continuar a Bibliografia [e preparar um trabalho sobre a] Matéria e Maneira de *A Relíquia*, um estudo de base sobre a estética desta obra [...] No meio do romance um homem do século XIX é testemunha da crucificação de Cristo, dando-nos um quinto Evangelho, com um Cristo-homem. Não se trata de um sonho, como julgava Pinheiro Chagas (GUERRA DA CAL, JL, 1983, p. 15).

Guerra da Cal relata que a obra póstuma de Eça precisa ser mais trabalhada e receber uma edição crítica de fôlego e compromissada, pois é categórico ao afirmar os vários problemas encontrados nas publicações póstumas do autor, tais como em *O Conde de Abranhos* e *A Capital* (1925) e *Alves & Cia.* (1926), que foram abusivamente transformadas e corrigidas mediante a presença do interesse do circuito comercial.

[...] publicadas por decisão do filho do escritor e retocadas por ele (quando um adjetivo não lhe agradava, riscava e punha outro) [...] Mas estes tratos, tudo isto, não é nada comparado com pretender dum manuscrito informe, duma obra má, duas vezes condenada pelo autor – a primeira ao deixá-la na gaveta, a segunda ao usá-la como um *santón*, donde Eça tirou personagens e frases para obras como *Os Maias*, *A Relíquia*, *O Primo Basílio*, *O Mandarim...* (GUERRA DA CAL, JL, 1983, p. 15).

Finalizando a entrevista, Da Cal observa que as obras inacabadas de Eça não seriam de interesse do público, mas apenas dos estudiosos que as veriam como documentos, objeto de pesquisa para melhor compreender o ato de criação do escritor.

Na edição número 105, de 10 a 16 de julho de 1984, o colaborador assíduo do *JL* e queirosiano renomado Alfredo Campos Matos entrevistou o brasileiro Luís Viana Filho acerca da sua biografia sobre Eça de Queirós denominada *A Vida de Eça de Queiroz*, que teve a sua primeira edição lançada em 1983, pela Lello & Irmão Editores, do Porto, e a segunda edição brasileira, de 1984, pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro.

Com o título da entrevista “Viana Filho: novas luzes sobre Eça”, o leitor do *JL* nota que não se trata de um livro reproduzindo informações de outras biografias sobre o autor português; pelo contrário, já espera grandes novidades sobre a vida de Eça.

A entrevista realizada por Campos Matos seguiu o estilo de “pergunta-resposta”, com 13 questões distribuídas em temas segmentados: “Intenções do Livro”, “Eça no Brasil”, “Eça e a mulher”, “A doença do escritor”, “A correspondência de D. Emília” e “A questão do ‘Dicionário dos Milagres’”.

Campos Matos salienta que o livro *A Vida de Eça de Queiroz* é resultado de investigação cuidadosa por Viana Filho, incorporando “dados inéditos resultantes de vários achados e de pesquisas que o seu autor fez nos arquivos dos descendentes de Eça de Queiroz e nos espólios da Biblioteca Nacional de Lisboa” (MATOS, JL, 1984, p. 13).

Luís Viana Filho afirma que o seu interesse sobre Eça vem do gosto pessoal e por isso o seu livro ser estritamente biográfico e não analítico ou historiográfico, como ele mesmo relata: “A parte crítica tem sido já feita com grande brilho por vários escritores bastante conhecidos [...] de forma que não me atreveria a meter-me numa coisa que não é da minha especialidade” (VIANA FILHO, JL, 1984, p. 13).

Viana Filho relatou as suas visitas a vários documentos, especialmente, cartas de Eça à esposa, D. Emília, e aos conhecidos Luís de Magalhães, Batalha Reis e o Conde de Arnoso. Esforço resultado do interesse pessoal de Viana Filho pela vida de Eça.

JL – Começarei por referir o que parece ser uma das principais justificações desta nova biografia de Eça de Queiroz, ou seja, o acesso que teve a várias fontes conhecidas, mas com material ainda inédito. Será de facto assim?

Luis Viana Filho – Eu não diria justificação porque o desejo de fazer a biografia do Eça já era muito antigo. Sempre tive, desde a minha juventude, um grande fascínio pelo Eça. Em primeiro lugar, para fazer uma biografia é necessário aquele sentimento de simpatia humana, aquilo que hoje se chama empatia com o biografado, e esse sentimento pelo Eça eu o tinha muito acentuado (JL, 1984, p. 13).

Campos Matos, perguntando sobre a presença de Eça no Brasil, acrescentou o fenômeno da ecite que ocorreu em solo brasileiro e questiona Viana Filho sobre os motivos desse interesse.

[...] no Brasil, só acontece raramente, com grandes escritores populares, Jorge Amado, Drummond de Andrade e Manuel Bandeira...

Isso mostra a qualidade e a popularidade de Eça de Queiroz [...] É a linguagem, o estilo. O brasileiro não erudito, o brasileiro médio gosta muito mais do Eça. Os eruditos, esses, são mais “camilistas”. O Eça é muito mais popular entre nós, porque o estilo do Eça foi uma libertação. Nenhum autor alcançou a leveza, a sutileza, o arejamento do Eça (VIANA FILHO, JL, 1984, p. 13).

Viana Filho compartilha a ideia de que Eça teria apaziguado o seu temperamento tempestuoso com o casamento, revisitando as primeiras biografias, uma do brasileiro Miguel Mello (1911) e outra do português Antonio Cabral (1916), as quais referem o caráter polêmico da obra queirosiana, notando que a mudança na vida do escritor fora responsável pela metamorfose na obra, dando a esta última um novo rosto.

Campos Matos destaca uma informação inédita e curiosa acerca da idade de Eça na ocasião do casamento do autor, no livro de Viana Filho. Como é sabido o autor até então figurava como filho de mãe desconhecida.

P. – Quer comentar o facto, só agora conhecido através do seu estudo, de que Eça só em véspera do casamento soube a sua idade exacta?

R. – De certo, o que se sabe é que ele só a revelou nessa altura. A D. Emília tinha uma grande curiosidade em saber a idade do noivo, que ele dizia não saber exactamente. E só nas vésperas do casamento, quando teve de mostrar a certidão de nascimento ao padre é que isso aparece. E não se poderá saber se houve um propósito ou não, mas o curioso é que isso se dá no momento em que Eça, estando no Porto, vem a Lisboa ver os pais. E é nessa altura que os pais enviam esses documentos à D. Emília, relativos ao nascimento e à legitimação do Eça (JL, 1984, p. 13).

A entrevista é finalizada com a informação de que *A Vida de Eça de Queiroz* é um documento biográfico exponencial sobre Eça devido à pesquisa de fôlego empreendida por Viana Filho às fontes primárias.

P. – Quanto tempo demoraram as pesquisas que fez em Portugal?

R. – Fiz três viagens a Portugal. Uma pesquisa, nunca pode ser feita de uma vez, pelo seguinte: há documentos que à primeira vista não parecem ter uma grande importância e passa-se à frente. Mas quando se avança, às vezes, há necessidade de voltar atrás para revê-los e integrá-los na importância ou no papel que eles devem ter na biografia.

Por isso vim três vezes a Portugal e fui duas a Tormes. Também no Gabinete Português de Leitura do Rio há apreciável material. Contei com muitos amigos, com colaboradores espontâneos e valiosos que me

levaram documentos do Porto e de Lisboa por saberem que eu estava a trabalhar no Eça. De forma que houve esse conjunto de circunstâncias para que eu pudesse fazer um retrato do Eça que vai do seu nascimento até à sua morte (JL, 1984, p. 14).

Mesmo enaltecendo a biografia do brasileiro, em alguns momentos da entrevista, Campos Matos apresenta certa relutância a algumas informações de *A Vida de Eça de Queiroz*, mas expõe ao leitor do *JL* a importância da biografia brasileira na fortuna crítica queirosiana.

Na edição número 232, de 15 a 21 de dezembro de 1986, o *JL* entrevista o colaborador do periódico e especialista em Eça de Queirós Carlos Reis a respeito da edição crítica da obra completa de Eça e traz como título “Carlos Reis: ‘Salvaguardar um património cultural’”.

O *JL* realizou seis perguntas no estilo “pergunta-resposta” distribuídas por dois temas, “Um trabalho de equipa” e “Editores e mecenas”, a respeito da valorização do texto original de Eça e da vontade do escritor. Essa entrevista recebeu destaque no periódico, tomando metade da capa com a chamada “Vem aí o *verdadeiro* Eça”.

Notamos, nas publicações do *JL* sobre Eça, uma constante preocupação com a divulgação dos originais do escritor e para isso o periódico lisboeta convida estudiosos de renome do universo queirosiano com o objetivo de levar ao leitor o que mais próximo da vida e da obra de Eça acontecera. Em vista disso, os editores do *JL* publicam ensaios e resenhas acerca de cartas inéditas do autor e/ou livros analíticos a seu respeito. No caso das entrevistas, o convite feito a Carlos Reis, como é possível notar no título de sua entrevista, é divulgar o projeto da edição crítica da obra queirosiana, o qual ele coordena, para mostrar ao leitor a importância e o cuidado ao publicar os originais do autor realista.

JL. – O Prof. Carlos Reis coordena uma equipa que se propõe realizar a edição crítica das Obras de Eça de Queiroz. Quais são, resumidamente, os objectivos de tal tarefa?

CR – Uma edição crítica das obras de Eça de Queiroz não é obviamente “mais uma edição de Eça”. Uma edição crítica é (deve ser) uma edição-base, quer dizer, uma edição em que se procura restituir à sua autenticidade textos que, por um motivo ou outro, se encontram distantes do estado de apuramento estético que o escritor desejaria; ou então, trata-se de textos que Eça não publicou ou cuja publicação apenas acompanhou em parte. Neste último caso, tenta-se reparar de formações e correcções abusivas introduzidas por várias pessoas, em diferentes épocas, muitas vezes com boa intenção, mas quase sempre com fraco critério; casos como os d’*A Cidade e as Serras*, *A Capital* ou *A Tragédia da Rua das Flores* são flagrantes que dispensam comentários (JL, 1986, p. 6).

Questionado sobre a relevância da edição crítica tanto depois da morte de Eça, ele responde:

Não me parece difícil justificar a pertinência deste trabalho, ou melhor, a sua urgência. Um texto literário também se degrada com os maus tratos a que é submetido e com o suceder das edições; os de Eça têm sido particularmente atingidos por estragos que sucessivas edições e ausência de cuidados naturalmente suscitam (REIS, JL, 1986, p. 6).

Carlos Reis fala da importante reunião de brasileiros e portugueses na equipa da edição, destacando os significativos estudos empreendidos pelos membros do grupo sobre Eça.

Um trabalho deste é forçosamente um trabalho de equipa, de conjugação de esforços e de tarefas. De momento, além de mim próprio que tenho a responsabilidade da coordenação, estão envolvidas no projecto

fundamentalmente pessoas que nos últimos anos se têm consagrado ao estudo de Eça: a prof^ª Elza Miné (da Univ. de São Paulo) [...]; a prof^ª Beatriz Berrini (também de São Paulo, da PUC); a dr^ª Maria do Rosário Milheiro, que comigo tem trabalhado nos materiais do Espólio de Eça, e o dr. Luiz Fagundes Duarte (da Universidade Nova de Lisboa) [...] Faço notar a presença de investigadores brasileiros nesta equipa tem que ver não só com o muito que no Brasil se tem trabalhado sobre Eça, mas também com o enorme prestígio de que Eça ainda hoje desfruta no Brasil (REIS, JL, 1986, p. 6).

Carlos Reis enfatiza que o projeto da edição crítica da obra queirosiana requer apoio e esforço de vários setores: “O que de novo vem tornar patente o que já antes disse: que não é uma iniciativa isolada, mas conjugação de vários esforços, a vários níveis, que pode fazer de um projecto árduo, mas fascinante, uma realidade palpável” (REIS, JL, 1986, p. 7).

O projeto de edição crítica da obra de Eça de Queirós teve início seis anos após a entrevista concedida por Carlos Reis ao *JL*, envolvendo vários estudiosos e instituições como ele bem lembrou. A equipe principal do projeto é: Ana Teresa Peixinho, Beatriz Berrini, Carlos Reis, Elza Miné, Irene Fialho, Luiz Fagundes Duarte, Maria do Rosário Cunha, Maria Elena Losada, Maria Helena Santana, Maria Isabel Pires de Lima, Maria João Simões e Marie-Hélène Piwnik. Além disso, esses estudiosos ficaram responsáveis por obras distribuídas ficção (não-póstumos, semi-póstumos e póstumos), textos de imprensa, epistolografia, narrativas de viagens e traduções.

No nº 267, de 17 a 23 de agosto de 1987, José Carlos de Vasconcelos, diretor do *JL*, entrevistou Alfredo Campos Matos. A entrevista ocorre no estilo “pergunta-resposta”, com cinco perguntas distribuídas por três temáticas: “Muito maior documentação”, “Património não tem sido preservado” e “Dicionário queiroziano”. O impulso

inicial para a realização da entrevista foi a publicação da 2.^a edição do livro de Campos Matos *Imagens de Portugal Queiroziano*, realizada pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, na sua “Coleção Presenças da Imagem”, e o seu caráter inovador, já que é praticamente um livro novo em relação à 1.^a edição de 1976, publicada pela Editora Terra Livre.

Com efeito, em relação à anterior, esta edição é largamente ampliada e até reformulada, em termos de arrumação e sistematização. Para dar uma ideia de amplitude do que há de novo desta edição bastará dizer que a anterior incluía 97 ‘imagens’ e a que agora saiu inclui 294, entre elas as referentes à “Tragédia da Rua das Flores”, entretanto dada a lume. Bom teria sido a inclusão de algumas fotos a cores, o que não aconteceu (MATOS, JL, 1987, p.11)

O livro de Campos Matos tem como propósito fixar fotograficamente as paisagens naturais e urbanas descritas na obra de Eça, acompanhadas pelos trechos dos livros.

José Carlos de Vasconcelos pergunta a Campos Matos qual a origem das imagens fornecidas ao público no seu livro e quanto tempo ele ficou realizando esse projeto: “Na maioria trata-se de fotos da minha autoria. Além disso, há muitas outras que reproduzem fotos e documentos da época, provenientes quer de colecções particulares, quer dos dois museus da cidade de Lisboa” (MATOS, JL, 1987, p. 11).

Campos Matos salienta que é uma publicação pioneira na Europa e que os ensaios do brasileiro Álvaro Lins o encorajaram a realizar tamanha pesquisa de campo e o ajudaram a “alicerçar o entendimento que já tinha desse mundo [de Eça]” (MATOS, JL, 1987, p. 11).

Campos Matos destaca o abandono e destruição de espaços importantes para a cultura portuguesa, que Eça e seus contemporâneos frequentaram, afirmando que poderiam ser locais de visitaçào.

P – Tem sido devidamente preservado o património cultural e arquitetural e evocativo que a sua obra documenta?

R – De modo nenhum: haja em vista, por exemplo, o que aconteceu à sala das Conferências do Casino [...] que foi *selvaticamente* destruída, há poucos anos; o que aconteceu com o Hotel Nunes, em Sintra, com a casa em que o escritor nasceu, na Póvoa de Varzim, com a casa de Antero, em Vila do Conde, com o Café Martinho, junto do Teatro Nacional, ocupado por um banco, etc., etc (JL, 1987, p. 11).

José Carlos de Vasconcelos pergunta sobre o próximo projeto de Campos Matos a respeito da publicação do *Dicionário de Eça de Queiroz* que seria lançado em 1988; o entrevistado responde que é um trabalho de fôlego, por isso a presença de colaboradores como Beatriz Berrini, Helena Cidade-Moura, Fernando Castelo Branco, João Medina, entre muitos outros.

P – Entretanto, está a dirigir um “Dicionário de Eça de Queiroz”, a publicar pela “Caminho”. Quando começa a sair e quais as suas características?

R – Esse “dicionário”, que se prevê venha a ser constituído por dois ou três volumes, deve começar a sair em meados do próximo ano. Terá um carácter de “elucidário”, por um lado, e ensaístico, por outro. Assim, e quanto ao primeiro aspecto, haverá “entradas” ou artigos sobre tudo que se relacione com Eça e sua obra, desde as personagens aos amigos, das influências às correntes culturais e históricas, das doenças às dívidas... (JL, 1987, p. 11).

O *Dicionário de Eça de Queiroz* hoje é uma das principais fontes consultadas sobre o autor português, e ganhou, no centenário de nascimento de Eça, o *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, de 2000, dirigido também por Campos Matos e editado pela Editora Caminho.

Na edição número 356, de 1 a 8 de maio de 1989, o *JL* entrevistou a pesquisadora brasileira e colaboradora do periódico Beatriz Berrini, via carta, a respeito da publicação do seu livro *Eça de Queiroz: palavra e imagem*, lançado pela Edições Inapa.

A entrevista seguiu o estilo já usual do *JL* em “pergunta-resposta” com apenas cinco perguntas distribuídas por três temas – “Os inéditos do volume”, “Eça e o Brasil” e “No encalço de um autor” – as quais foram respondidas pela brasileira de forma detalhada.

A pergunta inicial está relacionada à curiosidade de compreender o ponto de partida para publicar um livro aproximando produção escrita de Eça com imagens.

“*JL*” – Como nasceu *Eça de Queiroz: palavra e imagem*?

Beatriz Berrini – O meu convívio com Eça de Queiroz vem de longe. Lembro-me ainda da leitura de excertos seus, nas velhas antologias escolares, muitas seleccionadas (para uma almejada consonância com os padrões morais vigentes), e também muito intrigantes (*JL*, 1989, p. 6).

O livro de Beatriz Berrini, em um primeiro momento, seria somente um levantamento de imagens intitulado “Fotobiografia”, todavia, ela sentiu a necessidade de explicar as imagens com notas, legendas e muitas vezes textos longos. A respeito disso, a brasileira fala ao *JL* sobre a urgência de pesquisas e publicações mais efetivas da recepção do autor.

Outro facto que é preciso levar em conta é que, embora estudado por mais de uma geração de biógrafos e críticos, além da sua, as opiniões a respeito de Eça quase sempre, ou sempre, reflectem um posicionamento ideológico. Aliás, esse é um estudo que está a pedir um pesquisador: qual a recepção de Eça entre contemporâneos e nas gerações seguintes? (BERRINI, *JL*, 1989, p. 6).

Ela se orgulha de ter encontrado textos e imagens inéditos tais como o “Livro de Assentos de Batismo”, em Vila do Conde; o inventário da avó paterna de Eça, D. Teodora Joaquina de Queiroz; fotos de duas moças da Quinta da Vila Nova, que receberam afeição especial por parte do escritor; o passaporte de Eça; cartas dele para Oliveira Martins e o conde de Sabugosa; e cartões dos filhos para Eça. São documentos que revelam a seriedade da pesquisa e a sua importância para os estudos queirosianos.

Ademais, é indagada sobre a recepção de Eça no Brasil e Beatriz Berrini é bem categórica ao afirmar que há um desinteresse dos jovens leitores por ele como também por Machado de Assis, mas observa o aumento de publicações a respeito da vida e da obra de Eça.

Somente em 1984, além do meu *Portugal de Eça de Queirós*, foram publicados mais dois livros a respeito do escritor de autoria de brasileiros: a biografia do senador Luiz Viana Filho e *Era Lisboa e chovia...*, do embaixador Dário de Castro Alves. Foram publicados recentemente, ou reeditados, os livros dos brasileiros Arnaldo Faro, Paulo Cavalcanti, Elza Miné, além de outros estudos de menor extensão (BERRINI, JL, 1989, p. 6).

Há, como ela aponta, uma atualidade na obra queirosiana que ainda atrai os interessados e amantes de Eça, que apresentam a vontade de se aproximar dos lugares que o autor frequentou ou descreveu, por isso o sucesso da publicação de *Eça de Queiroz: palavra e imagem*.

Beatriz Berrini comenta que a partir da pesquisa de campo empreendida para escrever o seu livro, ela compilou material para novos projetos tais como as cartas entre Eça, Batalha Reis, Ramalho Ortigão e outros. Além do interesse acadêmico, Berrini demonstra na entrevista uma paixão por Eça: “Quatro anos de dedicação e empenho, na sequência de outro caminho, encetado em anos interiores, de

crítica e ensaio. O diálogo de todos nós com Eça de Queirós ainda vai durar muito” (BERRINI, JL, 1989, p. 7). Um livro, resultado do amor e afimco de Beatriz Berrini pela vida e obra de Eça, compartilhado com o público interessado nas letras e imagens do autor português.

Na edição de número de 682, de 4 a 17 de dezembro de 1996, o *JL* traz uma dupla entrevista intitulada “Novas partidas de Eça” com os escritores e primos José Pedro Fernandes e Antônio Monteiro Fernandes, os quais agitaram a comunidade queirosiana, quando publicaram o curioso romance *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós*, assinado com o pseudônimo José Antônio Marcos e editado pela Cosmos.

Os autores responderam às perguntas do cronista e colaborador do *JL* Fernando Venâncio, o qual foi responsável por descobrir as identidades verdadeiras dos primos-autores depois de realizar uma conversa informal com Teresa Sobral Cunha. Dali em diante, Venâncio partiu em busca dos misteriosos escritores e conseguiu marcar as entrevistas: com António Fernandes aconteceu em sua própria residência na Travessa do Possolo, em Lisboa; e com José Fernandes no hotel da Figueira. Foram feitas as mesmas onze perguntas no estilo “pergunta-resposta” para ambos que responderam separadamente; contudo, o leitor do *JL* pode notar como eles compartilhavam da mesma opinião.

Fernando Venâncio, antes de estabelecer a dinâmica da entrevista, destaca os depoimentos dos escritores acerca do receio e, ao mesmo tempo, interesse de algumas editoras em relação ao romance escrito por eles, já que elas anteviam a recepção tumultuosa por parte da crítica acadêmica e jornalística especializadas em Eça de Queirós.

Antônio – Foi o meu primo a encarregar-se do contacto com as editoras. Foi com o original à Dom Quixote, à Bertrand, à Caminho, e gostaram. Gostaram, mas tinham reticências.

José – A razão apresentada pela Dom Quixote foi que o estilo soava demasiado queirosiano... E tinham alguma razão. Decidimos então refazer o romance todo [...]

António – Quando se deu por pronta a nova versão do romance, já o meu primo estava em contacto com a Cosmos, por causa do *Dicionário*. Eles leram o manuscrito, foi aceite, foi elogiado, e disseram: vamos editar [...] (JL, 1996, p. 8).

Venâncio, contextualizando melhor o cenário de publicação do *Enigma*, fez perguntas aos dois sobre cartas supostamente escritas por Eça, mas na verdade escritas por eles.

“JL” – Mas como é que começou tudo isto?

António – Bem, o ponto de partida absoluto é o nosso fanatismo pelo Eça de Queirós. Isso desde a nossa adolescência. Um perfeito fascínio [...] Esse fascínio levou-nos, andávamos então pelos vinte anos, a encetar uma brincadeira: escrever cartas à Eça [...] Até que há uns dois anos, nos veio uma ideia: e se fizéssemos um livro, uma história, baseados em cartas inéditas do Eça, de proveniência desconhecida?

José – Foi há mais tempo...Começámos a escrever o *Enigma* em 1988, como forma de comemorar o centenário de *Os Maias*. Pensámos primeiro numa simples colecção de cartas, MS depressa nos surgiu a ideia do romance (JL, 1996, p. 8).

Na edição de número 734, de 18 de novembro a 1 de dezembro de 1998, o queirosiano Alfredo Campos Matos é mais uma vez entrevistado, agora sobre a publicação do livro, ainda no prelo, denominado *Cartas de amor de Anna Conover e Mollie Bidwell para José Maria Eça de Queiroz, cônsul de Portugal em Havana*, pela Editora Assírio & Alvim, constituído por cartas inéditas de dois amores americanos de Eça entre dezembro de 1872 a maio de 1874.

A entrevista foi realizada por Maria Leonor Nunes em estilo de “pergunta-resposta”, contendo 24 perguntas distribuídas em quatro temas: “Arrebatamento”, “Encantos”, “Curiosidades” e “Prazeres”.

Maria Leonor Nunes explica brevemente que as cartas fazem parte da passagem de Eça como cônsul em Cuba e, ainda esbelto e jovem, aos 28 anos, atraía a atenção das jovens estrangeiras. Acrescenta também que Campos Matos as encontrou na Casa de Tormes, no total de 21 cartas de Anna Conover e 7 de Mollie Bidwell.

“JORNAL DE LETRAS” – Que traz de novo a correspondência amorosa do jovem Eça que vai publicar?

CAMPOS MATOS – O próprio Eça disse que a sua vida em Paris era a de um burguês de província. Do ponto de vista estritamente biográfico, não é, de facto, uma vida rica de aventuras e acontecimentos. Nada disso. Depois do casamento com D. Emília de Castro, é uma vida familiar, harmoniosa, feliz. Vem daí a imagem do Eça que mais fixamos, até porque foi a mais documentada fotograficamente. Um Eça familiar, só preocupado com a mulher, com os filhos e com a sua produção literária. Estas cartas trazem um certo sal a essa existência calma e recatada. Digamos que é uma pequena bomba... (JL, 1998, p. 6).

Tanto a entrevistadora quanto o entrevistado ficam admirados com a sobrevivência das cartas por mais de 150 anos e mudadas de lugar e de mãos constantemente. Curiosa em relação à origem das cartas, Leonor Nunes pergunta:

JL – E como é que as descobriu?

C.M. – Tinha lido um livro que pouca gente lê, digamos com pouca aceitação na bibliografia queiroziana, o livro do filho, António, *Desafrenta à Memória de Eça de Queiroz*. E lá estava [...] a indicação que tinha conhecido, durante toda a sua vida, uma fotografia de uma noiva do

pai, com quem se tinha correspondido. Isso pareceu-me bem curioso. Depois, descobri também, nas *Memórias*, de Raul Brandão, uma referência [...] à existência das cartas [...] (JL, 1998, p. 6).

São cartas amorosas vindas de uma jovem americana, Bidwell, que chegou a ser noiva de Eça; e de uma mulher casada, Conover, alemã ou de origem alemã, com uma cultura significativa. Nessas cartas encontradas e publicadas por Campos Matos, notamos um perfil psicológico e comportamental diferente daquele do marido e pai dedicados, por isso a originalidade delas: “Podemos, na verdade, confirmar aquilo que já sabíamos através dos seus contemporâneos, que Eça devia ser perfeitamente encantador, um homem cheio de espírito, cheio de graça e expressão [...] era um homem elegante, um pouco *dandy* [...]” (MATOS, 1998, p. 7).

Campos Matos realça a importância dos documentos, especificamente, as cartas como forma de contribuição para o entendimento da obra. Além disso, afirma que de Eça sempre é possível esperar de tudo.

Na edição número 779, de 9 a 22 de agosto de 2000, homenageando o centenário de morte de Eça de Queirós, o *JL* traz duas entrevistas, a primeira realizada por Rodrigues da Silva entrevistando Carlos Reis com o título “O escritor está na obra” e a segunda pelo *JL* entrevistando mais uma vez a brasileira Beatriz Berrini e denominada “A *Obra Completa* organizada por Beatriz Berrini”.

Com a entrevista mais longa sobre Eça de Queirós, Carlos Reis respondeu a 31 perguntas no estilo “pergunta-resposta” distribuídas em quatro temas: “O espírito das comemorações”, “A edição crítica”, “Um trabalhador incansável” e “A modernidade de Eça”. Antes de chegar ao corpo da entrevista, Rodrigues da Silva faz um breve comentário a respeito da importância de Carlos Reis aos estudos queirosianos, sendo naquele momento e, acreditamos até hoje, o maior especialista em Eça de Queirós no ativo.

Jornal de Letras - Data de quando o seu primeiro encontro com Eça?

Carlos Reis – Da tese de licenciatura, aos 23 anos. Eça era um autor de quem gostava e meteu-se-me na cabeça fazer uma tese sobre ele. Uma veleidade, mas a gente aos 23 anos pensa que vai emendar o Mundo e eu fiz a tese orientada pelo prof. Aguiar e Silva [...] De então para cá ensinei Eça, publiquei mais quatro ou cinco livros sobre ele, criei uma cadeira de Estudos Queirosianos em Coimbra [...] (JL, 2000, p. 6).

O entrevistador conduz as próximas perguntas ao ensino de Eça no Secundário, perguntando se ainda há uma resistência em dar aulas das obras do autor realista ou se já existe uma abertura confortável para isso. Carlos Reis responde:

[No meu tempo] se não era proibido, aparecia nas bibliotecas com uma tirinha cor-de-laranja, que significava Ficção, na parte superior da lombada (que significava “só para adultos”) e era preciso um negócio diplomático com o encarregado da biblioteca para deixar um jovem de 14 anos levar aqueles livros [...] Quando frequentei o Liceu de Angra no 7.º ano (em 67-68) dizia-se que para ler *O Crime do Padre Amaro* era preciso uma licença do bispo [...] [hoje] aí pelos 8.º e 9.º anos, os *Contos* podem ser um bom início [...] No Secundário (16/17 anos) penso que *Os Maias* são um bom desafio [...] (REIS, 2000, p. 6-7).

Na contramão dos queirosianos que se dedicam ostensivamente à biografia de Eça e levantando os lugares por onde teria passado ou o contato com quais pessoas, Carlos Reis diz que respeita esse tipo de pesquisa, mas é categórico ao afirmar que o texto é o mais importante.

JL - A sua admiração pelo Eça escritor, estende-se ao homem?

C.R. – O homem Eça atrai-me e não me atrai. Atrai-me porque era uma personagem e fez-se ele mesmo uma personagem. Não me atrai porque

penso que hoje em dia há uma tendência porventura demasiado forte para nos fixarmos em excesso no lugar onde viveu o Eça, na senhora com quem teve um namoro, nas circunstâncias do casamento, [...] Respeito quem faz isso, mas não me interessa. O verdadeiro Eça é o grande escritor, e não há que fazer uma relação directa entre uma coisa e outra [...] (JL, 2000, p. 7).

Rodrigues da Silva muda o rumo da entrevista perguntando a respeito da coordenação da edição crítica da obra queirosiana por Carlos Reis e como foi a organização dos trabalhos, dividindo-a em três partes:

O que a edição crítica fez foi reunir um grupo de pessoas, distribuir títulos e sobretudo estabelecer uma metodologia, para tentar recolocar os textos do Eça na sua autenticidade possível. Há três situações diferentes: o Eça não póstumo, o póstumo e o semi-póstumo. O não póstumo é um Eça do qual escassamente existem manuscritos [...] como *O Crime do Padre Amaro* ou *O Mandarim* [...] [O Eça póstumo] é muito complicado. *A Capital*, *Alves & C^a* e *O Conde de Abranhos* são livros que o filho [...] publicou com intervenções ousadas e censórias do texto original [...] Há ainda um terceiro corpo, que é aquele que chamamos de semi-póstumos: *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Cidade e as Serras* e a *Correspondência de Fradique Mendes*, os três livros que Eça estava a preparar para publicação quando morreu [...] (REIS, JL, 2000, p. 7-8).

Nas homenagens realizadas em Portugal no centenário da morte do autor, Carlos Reis comenta a falta de interesse pelo assunto em seu país, faltando incentivo do governo, mas diz que Eça se insere na contemporaneidade por meio do olhar humorístico da realidade portuguesa.

Na segunda entrevista, ainda nesta edição comemorativa, o *JL* realiza apenas duas perguntas à queirosiana brasileira Beatriz Berrini

a respeito da publicação dos 3.º e 4.º volumes da *Obra Completa* de Eça de Queirós, de 2000, organizados por ela e editados pela Nova Aguilar, do Rio de Janeiro. Os dois primeiros volumes foram publicados em 1997.

Beatriz Berrini salienta que nos dois últimos volumes há uma nova organização, mais detalhada do que as primeiras: “assim, nesta nova edição o leitor encontrará os textos jornalísticos sob o nome do jornal onde foram publicados pela primeira vez: *Gazeta de Portugal* em vez de *Prosas Bárbaras* [...]” (BERRINI, JL, 2000, p. 11).

Acerca da presença de textos inéditos nos volumes, Berrini responde contente que há “70 cartas ou pouco mais, algumas especialmente importantes, como aquelas cujo destinatário era o editor dos Almanques, António Maria Pereira, para quem não tínhamos até agora carta alguma [...]” (BERRINI, JL, 2000, p. 11).

Dessa breve entrevista, notamos como a brasileira Beatriz Berrini é respeitada pelos queirosianos portugueses, sendo considerada a mais importante estudiosa sobre Eça de Queirós no Brasil.

Na edição de número 798, de 2 a 15 de maio de 2001, Maria João Martins entrevista Maria Filomena Mônica a respeito da publicação e reedição do seu livro *Eça de Queiroz*, de 2001, com o título “Eça em contexto”.

A entrevista apresenta o estilo “pergunta-resposta” com 22 perguntas distribuídas em três temas: “Os silêncios do biografado”, “Um grande jornalista” e “Dicionário de história”. Contudo, antes do corpo da entrevista, Maria João Martins faz uma breve apresentação bibliográfica de Maria Filomena Mônica, apontando para a formação filosófica e sociológica da entrevistada, também historiadora, já que resolveu resgatar vários documentos para escrever a sua biografia sobre Eça de Queirós.

A respeito da dificuldade de escrever uma obra biográfica sobre Eça, Maria João Martins questiona Filomena Mônica acerca da falta

de documentos e de histórias mais aventureiras do autor, o que resultaria em várias leituras sobre a vida de Eça.

JL – Perante tamanha discrição, como é que conduziu a investigação?

M.F.M. – Decidi fazer o gosto a esse apetite antigo e dedicar quatro ou cinco anos da minha vida a esta tarefa. Comecei por reler a obra toda dele. Depois, passei a ler o mais possível uma imensa bibliografia passiva. Recorri à obra de Ernesto Guerra da Cal [...] os livros que verdadeiramente me ajudaram foram poucos (JL, 2001, p. 20).

Filomena Mônica comenta que todas as biografias sobre Eça são importantes, mas por serem datadas contextualizam as descobertas e influências do respectivo período; por exemplo, ela comenta a extensa biografia de Gaspar Simões:

A do João Gaspar Simões é excelente, mas também é datada. Tem um elemento muito pernicioso que é a influência do Freud. Embora ele tenha feito uma biografia bem feita [...] estava convencido de que tudo o que aconteceu nas vidas das pessoas é determinado na infância [...] mas estava errado em alguns dados [...] (MÔNICA, JL, 2001, p. 20).

A entrevistadora destaca a presença do jornalismo na vida e na obra de Eça no livro *Eça de Queiroz*, afirmando que havia poucos estudos a respeito e decidiu enveredar com mais afinco por esse caminho.

Porque quando li o jornalismo dele fiquei muito agradavelmente surpreendida. Não imaginava que fosse tão brilhante [...] Na edição das obras completas da Lello, os textos jornalísticos nem sequer trazem as datas, nem sequer se referem ao local onde foram publicados. Deveriam ser todos coligidos em dois ou três volumes, com notas explicativas para o leitor actual (MÔNICA, JL, 2001, p. 21).

Como sabemos, a biografia de Filomena Mônica recebeu muitas críticas negativas em relação ao conteúdo e à linguagem distante da academia, ou seja, ela foi melhor recebida pelo público em geral do que pelos especialistas em Eça de Queirós.

No período estudado, entre 1981 a 2011, fechamos a trajetória pelas entrevistas publicadas no *JL* sobre Eça com a edição número 1025, de 13 a 26 de janeiro de 2010, com Alfredo Campos Matos sendo entrevistado por Rita Silva Freire a respeito da publicação do livro *Eça de Queirós: Uma Biografia*, de 2010, pela Editora Afrontamento.

Mais uma vez a entrevista ganha destaque na capa do periódico. A entrevista dá continuidade ao estilo recorrente que vem desde 1981 no *JL*, com “pergunta-resposta” e 18 perguntas distribuídas em dois temas: “Um indivíduo do séc. XIX” e “Trabalho de toda a vida”.

A entrevistadora Rita Silva Freire contextualiza a novidade com o fato de Campos Matos publicar uma biografia sobre Eça e salienta a leitura pessoal do biógrafo em relação ao biografado, já que coloca nesse livro de 600 páginas o resultado de 50 anos estudando a vida e a obra de Eça de Queirós.

Jornal de Letras: Há diversas biografias de Eça de Queirós. O que traz a sua de novo?

Alfredo Campos Matos: A principal novidade passa pela estrutura e sistematização da obra. Além disso há várias coisas novas. Como um documento pouco ou nada referido, pertencente ao espólio da Biblioteca Nacional, sobre um esboço de uma personagem de *A Capital*, o João Resgate [...] (*JL*, 2010, p. 20).

Pergunta que não quer calar, Rita Silva Freire questiona a dificuldade sobre escrever uma biografia sobre Eça, e Campo Matos responde: “O Eça é um indivíduo do século XIX, muito reservado, um vitoriano puro. Ainda por cima, dissimulado. Tudo isso dificulta

muito o seu conhecimento. Esconde o seu passado, a sua infância, a sua tragédia pessoal [...]” (MATOS, JL, 2010, p. 20).

Mesmo escrevendo uma obra biográfica de fôlego, Campos Matos compreende que o estudo biográfico sobre Eça não está encerrado e que ainda haverá novidades surgindo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pesquisadores vêm se utilizando, tradicionalmente, dos acervos de bibliotecas, museus, arquivos públicos e particulares para busca, catalogação e análise dos materiais com o intuito de obter dados documentais sobre personalidades da literatura, da pintura, da filosofia, da matemática e assim por diante.

A literatura surge na imprensa não somente por meio de textos literários (poesia, crônica, contos), mas também nos espaços dedicados à análise e crítica literária (resenha crítica, ensaio, entrevista, artigo de opinião). Também há de se observar que a literatura no espaço da imprensa, mesmo com seu caráter artístico e verossímil, ganha relevância para os estudos linguísticos, culturais, históricos, sociológicos e identitários, uma vez que é representativa de um momento histórico, comportamental, idiomático, religioso e político específicos de uma época.

Neste artigo, apresentamos as publicações na seção “Entrevista” do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Lisboa, entre 1981 e 2011. As 12 entrevistas sobre Eça de Queirós apresentam uma qualidade notável tanto por parte dos entrevistadores quanto dos entrevistados. As temáticas foram as mais variadas, desde reflexões sobre a bibliografia ativa e passiva de Eça, biografias, cartas inéditas, até métodos de pesquisa da obra queirosiana.

São entrevistas que ganham *status* de documento, uma vez que podem ser utilizadas pelos estudiosos para melhor compreender a vida e a obra de um dos principais escritores do mundo, que incessan-

temente é assunto nos periódicos culturais. Logo, a importância das pesquisas desenvolvidas em fontes primárias, tais como os periódicos.

REFERÊNCIAS

- BERRINI, Beatriz. *Portugal de Eça de Queiroz*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- CABRAL, Antonio. *Eça de Queiroz: a sua vida e a sua obra*. 3.^a ed. Lisboa: Bertrand, 1945.
- CHAGAS, Pinheiro. “As Farpas. Capas e Bandarilha”. *Diário de Notícias*. Lisboa, 1871; entre outros.
- CORDEIRO, José Pedro Leite. *Eçaiana. Cronologia das obras de Eça de Queirós*. São Paulo: Empresa Editorial Universal, 1945.
- ERBOLATO, M. L. *Dicionário de propaganda e jornalismo*. Campinas: Papyrus, 1985.
- FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. “A recepção crítica de Eça de Queirós/Fradique Mendes no Pré-Modernismo Brasileiro: Jornal Paulistano *O Pirralho* (1911-1917)”. *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos. IV Encontro Internacional de Queirosianos*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 859-867. v.2.
- GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e estilo de Eça de Queiroz*. 8. ed. São Paulo: EDUSP/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- . *Lengua y estilo de Eça de Queiroz*. Apêndice. Bibliografía Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra. Acta Universitatis Conimbrigensis, 1975.
- MATOS, Alfredo Campos (dir.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.
- (dir.). *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 2000.
- . *Sobre Eça de Queiroz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.
- MELLO, Miguel. *Eça de Queirós. A obra e o homem*. Rio de Janeiro: Livraria Italiana e Tipografia Ramori & Cia., 1911.

- MINÉ, Elza. *Eça de Queirós, jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- . A recepção de Eça de Queirós no Brasil. In: BERRINI, Beatriz (org.). *Eça e Machado*. São Paulo: EDUC, FAPESP, Fundação Gulbenkian, 2005, p. 213-224.
- MÓNICA, Maria Filomena. *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.
- REIS, António Simões dos. *Eça de Queiroz no Brasil*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945.
- REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- REIS, Jaime Batalha. Introdução. In: QUEIRÓS, Eça de. *Prosas Bárbaras*. São Paulo: Editora Lello Brasileira, 1970, p. 8.
- SÁ, Victor de. *Bibliografia queirosiana*. S.l.: Braga, 1945.
- TOLOMEI, Cristiane Navarrete. *A recepção de Eça de Queirós no Brasil: Leituras do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2014.
- VIANA FILHO, Luís. *A vida de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1983.

RESUMO

Este artigo apresenta o resultado de um estudo crítico-analítico dos textos publicados na seção “Entrevista” acerca de Eça de Queirós, entre 1981 e 2011, no *Jornal de Letras Artes e Ideias* _*JL*_ de Lisboa, verificando como as entrevistas do *JL* são fonte documental para a história, a biografia e a crítica sobre o autor português. Para a realização da pesquisa, foram realizadas visitas a dois centros de referências: ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista, de Assis e à Sala de Materiais Especiais, da Biblioteca “Florestan Fernandes”, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Após reunir, catalogar e analisar as entrevistas sobre Eça de Queirós no *JL*, observando a frequência, variações no conteúdo das críticas com a mudança no quadro de colaboradores (críticos, escritores, pesquisadores) e contexto sócio-político-cultural, notamos que nos 30 anos percorridos no periódico lisboeta, foi possível observar o diálogo entre as publicações sobre Eça no

JL com as mais renomadas críticas queirosianas, visando a comprovar o valor dos textos desse periódico, observando como eles dão continuidade à tradição crítica sobre o autor português ou rompem em relação ao que já foi produzido a respeito de Eça.

Palavras-chave: Eça de Queirós. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Entrevista. Fontes Primárias. Periódico.

ABSTRACT

This article presents the results of a critical-analytical study of the texts published in the “Entrevista” section about Eça de Queirós, between 1981 and 2011, in the *Jornal de Letras, Artes e Ideias* [JL] in Lisbon, verifying how the *JL* interviews are a source documentary for the history, biography and criticism of the Portuguese author. To carry out the research, visits were made to two reference centers: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), Universidade Estadual Paulista, Assis, and Sala de Materiais Especiais, “Florestan Fernandes” Library, Universidade de São Paulo. After collecting, cataloging and analyzing the interviews about Eça de Queirós in *JL*, observing the frequency, variations in the content of criticisms with the change in the staff (critics, writers, researchers) and socio-political-cultural context, we noticed that in the 30 years in the Lisbon newspaper, it was possible to observe the dialogue between the publications about Eça no JL with the most renowned critics about Eça, in order to prove the value of the texts of this periodical, observing how they continue the critical tradition about the Portuguese author or break in relation to what has already been produced about Eça.

Keywords: Eça de Queirós. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Interview. Primary Sources. Newspaper.